

SEGUNDO TURNO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S.Paulo, 22 de setembro, 2000.

Geraldo Alckmin, que vinha subindo nas preferências do eleitorado, subitamente parou de crescer e viu suas intenções de voto diminuírem. Por que? A explicação que vem sendo dada foi a de que os demais candidatos passaram a “denunciar” a relação próxima que tem com o governador Mário Covas. Enquanto ele aparecia no programa eleitoral e era conhecido pela sua forma firme e sincera de falar, ganhava votos. Passou a perdê-los quando os adversários informaram os eleitores que é o vice-governador.

Que dizer dessa explicação? Duas coisas: que possivelmente é correta, e que, em sendo correta, é inexplicável.

É possivelmente correta porque o índice de popularidade do governador Mário Covas é sabidamente baixo. É inexplicável, porque nada explica que um governador excepcional, que vem realizando um governo memorável, não seja melhor avaliado pela população de São Paulo. Enquanto Paulo Maluf realizou um governo municipal que beneficiou os ricos e destruiu as finanças da cidade, mas foi capaz de eleger um ilustre desconhecido, que depois se comprovaria um dos piores prefeitos que esta cidade já teve, Mário Covas, que saneou as finanças do Estado, e vem realizando um conjunto de obras e de reformas que confirmaram o grande homem público que é, não consegue votos para seu candidato. Estranho é muitas vezes este mundo!

E observe-se que não se trata de um candidato qualquer. Trata-se de um dos mais notáveis políticos jovens com que o Brasil conta. Um dia destes, conversando com dois sobrinhos, disse-lhes que votaria em Geraldo Alckmin. “Mas ele é um bom candidato?”, perguntaram-me com simplicidade, revelando através da pergunta a grande dificuldade que Alckmin enfrenta: o desconhecimento público. Quando respondi que não era apenas um bom, mas um ótimo candidato, que eu conhecia há 17 anos, ficaram agradavelmente surpresos.

Nestes 17 anos, enquanto foi deputado estadual, federal, e vice-governador, eu pude testemunhar, como agiu sempre com coerência política; como é sempre modesto

embora seja excepcionalmente bem dotado intelectualmente; como é capaz de examinar os dados do problema, ouvir os argumentos, contra-argumentar, e afinal chegar a uma conclusão; como é firme nas suas posições e na sua forma de liderar pessoas.

Por estas razões a queda nas pesquisas é duplamente inexplicável: não faz sentido que um grande governador seja empecilho para que um excelente candidato se eleja.

Será essa tendência irreversível? Seremos obrigados novamente a ver, enfrentando uma candidata da melhor qualidade, como é Marta Suplicy, um candidato do nível do sr. Paulo Maluf? Estará a cidade condenada novamente a testemunhar o duelo entre o bem e o mal, ao invés de julgar o debate entre dois notáveis políticos com que o país conta?

Não creio. Não vou fazer aqui uma previsão otimista, quero apenas fazer uma análise que não seja pessimista. Eliane Catanhede disse que o eleitor de Maluf é sem-vergonha: não tem coragem de anunciar seu voto, mas acaba votando. A observação é provocante, talvez seja verdadeira, mas tenho minhas dúvidas: quando o eleitor tem vergonha de um candidato, ele já deixou de ser seu candidato.

Por outro lado, o eleitorado paulistano tem apresentado uma evolução notável. Gilberto Dimenstein informou na sua última coluna que, de 1970 para 2000, os trabalhadores com ensino superior passaram de 6 para 16%; os com ensino médio, de 7,3 a 25,9%. Ora, eleitores com um nível sensivelmente melhor de instrução não votarão envergonhados.

São Paulo, com seus 10 milhões de habitantes, é uma cidade muito difícil de ser governada. Os problemas que se acumularam nestes oito últimos anos de mal governo foram terríveis. Precisamos de um prefeito com espírito público, com capacidade para formar uma grande equipe, e para pensar os problemas da cidade com a sua população. Que competência para tomar as decisões do dia-a-dia, e a coragem para fazer a reforma criando as vice-prefeituras. Não podemos arriscar mais uma vez. Temos, agora, a possibilidade de eleger com segurança um excelente prefeito. Para isto basta que Geraldo Alckmin vá para o segundo turno. O debate que se travará então será de primeira qualidade, e novas perspectivas se abrirão para São Paulo.

Luiz Carlos Bresser Pereira, 66, é professor da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. Foi Ministro da Fazenda (Governo Sarney), da Administração e da Ciência e Tecnologia (Governo FHC). Seu último livro é *Reforma do Estado para a Cidadania*. Seu site pessoal: www.bresserpereira.ecn.br.